



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA ELISABETE SILVA BERED

(Entrevista)

2018

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-886

Entrevistado: Maria Elisabete Silva Bered

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Porto Alegre - RS

Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Leila Carneiro Mattos

Data da entrevista: 13/09/2018

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 28 minutos e 15 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação no esporte; Clubes que jogou; Atuação como técnica; Competições que participou; Visibilidade do handebol no Rio Grande do Sul; Surgimento do handebol no Rio Grande do Sul; Convocação para a Seleção Gaúcha; Federação Gaúcha de Handebol; Curso de arbitragem de handebol; Mulheres participantes do curso de arbitragem; Dificuldades na atuação como árbitra; Tempo de dedicação para a arbitragem; Competições que apitou; Presença de mulheres na arbitragem em megaeventos esportivos.

Porto Alegre, 13 de setembro de 2018. Entrevista com Mara Elisabete Silva Bered a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Leila Carneiro Mattos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Primeiramente quero te agradecer por nos conceder esta entrevista. E eu gostaria que tu iniciasse contando da tua formação e como tu iniciou no esporte?

M.B. - Eu tenho formação acadêmica em Educação Física na Feevale¹, me formei já a uns trinta e poucos anos. Mas eu atuei pouco na área! Eu atuei durante só cinco anos, mas na parte como atleta foram dezoito anos, e na arbitragem eu fiz dois anos pela Federação², fui de Seleção Gaúcha durante quinze anos, então, conheci muita gente desse ramo e o handebol era minha paixão.

J.K. - E tu sabe me dizer qual foi o ano que tu se formou?

M.B. - Vamos tirar trinta e quatro anos atrás, não menos, vinte e nove.

J.K. - 1989?

M.B. – Isso!

J.K. - E com que idade tu começou a jogar handebol?

M.B. - Com treze anos...

J.K. - E foi até...?

M.B. - Fui até os vinte e nove.

¹ Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo.

² Federação Gaúcha de Handebol.

J.K. - Bastante tempo!

M.B. - É, bastante! Eu parei justamente, por questão física, eu tive alguns problemas físicos, e eu acho que isso... Se eu pudesse eu jogava até os meus 40 anos [riso], mas aí deu problemas de coluna. É que o esporte praticado como competições muitas vezes leva a um estresse físico que não tem volta, porque é um esporte de contato, e o nível que nós jogávamos, inclusive, interestadual, era nível brasileiro também.

J.K. - E onde tu começou a jogar handebol, em escola, clube?

M.B. - Comecei por escola, na seleção da escola, logo em seguida, uns três ou quatro anos depois já tinha uns 16 anos, aí era clube, tinha que ter autorização porque tinha 16 anos, e depois foi só clube. Fui da seleção da escola, da seleção da faculdade e aí foi.

J.K. - E por qual clube que tu jogou handebol?

M.B. - *Bah*³ vários! Ganhei, inclusive, graças ao handebol eu tive... Consegui bolsa, na Feevale para vários, vários semestres. Joguei por São Leopoldo⁴, por... Agora não estou lembrando o nome, mas é um clube bem conhecido lá em São Leopoldo. Joguei pela Ginástica de Novo Hamburgo⁵, joguei por Canoas⁶ também, Porto Alegre⁷, então foram clubes aqui... A Sogipa⁸ a gente jogou até o Glória Tênis Clube quando tinha ainda o Glória. Então, quando tinha oportunidade que nos... Porque o handebol, na realidade, nesse tempo, as pessoas não investiam nada, nem conheciam, nem sabiam o que é que era, a gente tinha que explicar que era um futebol com a mão. Então investimento zero, eu e a Renita Dametto⁹ a gente batia - lá em Novo Hamburgo - de porta em porta dos empresários, para poder nos darem camisetas, tênis, alguma coisa que nos ajudasse na

³ Expressão regional.

⁴ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo.

⁶ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁷ Capital do estado do Rio Grande do Sul.

⁸ Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

⁹ Renita Nair Dametto.

prática. E aí São Leopoldo nos abraçou nessa época. E aí quando a gente ganhou, nós fomos tetra campeãs estaduais, aí a gente começou a ganhar bolsa para a Universidade, um semestre, foi graças ao handebol, aí a gente conseguiu empurrar para frente [risos].

J.K. - E tu chegou a atuar como técnica?

M.B. - Só em escolas, eu cheguei a dar aula no Faicker Nunes¹⁰ em Viamão¹¹, e nunca tinham visto o handebol lá, e era é uma escola municipal muito pequena, e teve a Olimpíada de Viamão e eu mobilizei a gurizada e eu jogava e eles se encantavam, e eu consegui mobilizá-los e nós fomos bicampeões de handebol tanto na modalidade... Eu tenho até as fotos deles aqui. Tanto na modalidade feminina e masculina, e do futebol também, que eu não era muito a minha área, mas pela motivação nós conseguimos ganhar as Olimpíadas de Viamão, então é uma escola que ficou conhecida, muito pequena, e sem material. Minhas amigas eventualmente me ajudavam, contribuía com bolas, com meias, para a gurizada lá, porque eram umas crianças bem necessitadas.

J.K. - E todas as competições que tu participou, como era a presença de público?

M.B. - Mínima, lamentavelmente! [riso] Tinha assim... A melhor participação é quando tinha os Jogos Intermunicipais¹² no interior, saía de Porto Alegre lotado, a gente jogou... Em Santa Maria¹³ maior público, depois vinha Novo Hamburgo, Canoas, Cruz Alta, Ijuí¹⁴, a gente foi para tudo que é lugar, Santo Ângelo e Caxias do Sul¹⁵ também. Mas assim, saindo de Porto Alegre, era casa lotada, em Porto Alegre era a família, o irmão, a tia, e os atletas.

J.K. - Era pouco público?

¹⁰ Escola Municipal de Ensino Fundamental Ricardo Faicker Nunes.

¹¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

¹² Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

¹³ Municípios do estado do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Municípios do estado do Rio Grande do Sul.

M.B. - É, em Porto Alegre era.

J.K. - E nessa época onde o handebol tinha maior visibilidade?

M.B. – Em Santa Maria e Caxias. Novo Hamburgo depois, depois Novo Hamburgo estourou e aí nós jogamos acho que uns quatro anos por Novo Hamburgo também. E nós tínhamos um grupo que nós chamávamos de “coluna”, porque onde ia uma ia as cinco. Por que eram cinco amigas e atletas, que a gente tentava sempre mobilizar que quando nos chamavam para participar daquele município, para representá-los, a gente: “Está bem, mas é eu e mais quatro!” [riso]. Então foi sempre muito legal, porque a gente sempre saiu com bons resultados.

J.K. - E em relação ao handebol no Rio Grande do Sul, o que tu saberia me dizer quando a modalidade apareceu aqui no estado?

M.B. - Olha, eu lembro... Eu estou com 61 anos, e eu tinha 13 anos, e o Benno Becker¹⁶, que até hoje é meu fã e ele me incentivou muito, inclusive foi meu professor na Feevale. Ele fez um torneio escolar na Vila Schalau¹⁷, ele tinha uma escola, ele lecionava nessa escola e nós fomos pelo Padre Rambo¹⁸ convidados, e ele me viu jogar em uma praça, tinha Inter Praças naquela época, e o Inter Praças *era uma maravilha!* Aí tinham os olheiros, as pessoas iam, e nós jogávamos pela Praça Partenon naquela época, e a praça Partenon fica atrás da escola Padre Rambo, e ali eu até fugia, matava aula para poder jogar [riso]. E ali o Benno Becker uma vez, não sei se foi pelo Otacílio¹⁹, professor Otacílio que foi um técnico até do Inter²⁰, Otacílio... Não lembro o segundo nome. Comentou com ele que tinha uma baixinha lá que jogava e tal, e aí o Benno fez o contato e aí foi assim, pela Inter Praça que se início os jogos, e o Benno Becker nessa época fez esse torneio, e

¹⁵ Caxias do Sul – Município do estado do Rio Grande do Sul.

¹⁶ Benno Becker Júnior.

¹⁷ Bairro da cidade de São Leopoldo.

¹⁸ Colégio Estadual Padre Rambo.

¹⁹ Otacílio Gonçalves da Silva Júnior.

²⁰ Sport Club Internacional.

ali nós ganhamos! Aí que começou a divulgação. Depois o Padre Réus²¹ aqui em Porto Alegre era uma escola muito... E eu fui para lá estudar. Daí o Bruxo²², não sei se tu conheceu, ele já faleceu, ele era um professor de vôlei, e o Bruxo sabia que eu tinha ido para o Padre Réus e me puxou, e eu falei: “Mais duas estão, tem que puxar mais duas.”
[riso]

J.K. - Tu sabe qual o nome completo dele?

M.B. - De quem?

J.K. - Do Bruxo!

M.B. - Não sei, todo mundo conhece ele, do pessoal mais antigo. O Guilherme Queiroga²³ tu deve conhecer o Bruxo.

J.K. - Sim, o Queiroga eu conheço!

M.B. - Ele foi meu colega no Julinho²⁴, então a gente... Até quando eu fui convocada para a Seleção Gaúcha, como eles foram no masculino, e a minha mãe não queria que eu fosse, então ela não me dava dinheiro. Aí o Queiroga me ajudou na passagem para a gente ir, para eu poder jogar. Porque a mãe não queria! Nunca esqueço, é um querido ele, até me encontrei com ele esses dias. Mas dentro das escolas em Porto Alegre, o handebol era bem forte nos Jogos Escolares, mas em clube era mais fraquinho.

J.K. - Em que ano que tu foi convocada para a Seleção Gaúcha?

M.B. - Eu estava no Julinho, aí eu já tinha uns 16 anos, aí tem que fazer uns cálculos aí [risos]. Mas acho que uns 16 anos que eu tinha.

²¹ Escola Estadual de Ensino Médio Padre Réus.

²² Nome sujeito a confirmação.

²³ João Guilherme de Souza Queiroga.

²⁴ Colégio Júlio de Castilhos.

J.K. - E esse campeonato que o Benno organizou, saberia me dizer mais ou menos qual o ano, período?

M.B. - Eu só sei pela minha data de... Eu sou péssima em números, eu só contava os gols [risos], e nomes e arte visual, eu vi vocês eu não vou esquecer mais. E do Benno eu tinha acho que uns 15 anos, foi um ano antes, dois anos talvez, 14 porque eu estava no Padre Rambo, e foi com uns 14 que eu comecei a desenvolver.

J.K. - E como foi esse campeonato?

M.B. - Várias escolas, quadra de cimento aberta. A gente rezava, porque sabia as datas e rezava para que no final de semana não chovesse, porque a gente sabia que era na rua. E era cimento, não tinha essa de parquet, ginásio coberto nem nada. E era assim, vamos fazer uma vaquinha para levar todo mundo jogar, eu banco a farofa e para comer não gasta nada [risos]. Mas foi muito... acho que o Benno foi uns dos precursores, quem deu um chute no handebol aqui no estado, nas escolas.

J.K. - E em relação a Federação Gaúcha, tu acredita que nesse período tinha algum projeto de visibilidade para a modalidade?

M.B. - Eu posso te falar da época que eu estava quase encerrando e entrando para a arbitragem, aí já foi outra época, não é. Mas eu acredito que não tinha nem uma visibilidade, tanto que era um *senhorzinho* que era o presidente da Federação, Egídio²⁵ o nome, ele era bem velhinho, ele era fabricante de bolas de handebol, futebol, acho que ele já faleceu até. Então ele que era o Presidente, talvez por... Não sei bem qual a relação dele, mas era onde ele fabricava bolas, a Federação era ali, era uma porta, ali era o negócio dele e a Federação. Depois a coisa foi melhorando e daí vou para o CETE²⁶, e no

²⁵ Egídio Neiss.

²⁶ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

CETE que a Federação até então, quando eu comecei a arbitragem, foi ali o local que a gente se encontrava para fazer a tabela, para saber os jogos e tal.

J.K. - E em que ano tu fez o curso de arbitragem?

M.B. - Deixa eu fazer as contas, foi uns vinte e sete, vinte e oito anos atrás, em 1989 ou 1990. Foi logo em seguida que eu parei de jogar, me formei, enfim, estava tumultuada, e aí eu fiz o curso, e eu comecei a arbitrar! Eu tinha todos os cursos, mas mudou tudo, é claro! Só me atualizo pela TV.

J.K. - Sim, e como funcionava esse curso de arbitragem?

M.B. - Era como lá na Feevale, tinha 40 horas tinha que participar do curso. Vinha o pessoal de Santa Maria o Pacheco²⁷, o Müller²⁸ que é de Canoas, e eles que ministravam, davam orientações, e tinha que ter participação no curso, estudar e depois tinha prova.

J.K. - E essa prova ela era prática ou teórica?

M.B. - Não, era teórica.

J.K. - E tinha testes físicos?

M.B. - Não, sem teste físico! O negócio era no apito, e “canetiado”.

J.K. - Certo! E quando tu fez esse curso tinha outras mulheres que estavam participando?

²⁷ Nome sujeito a confirmação.

²⁸ Renato Müller.

M.B. - Não! No meu tempo era eu. Naquele período foi só eu, não lembro de nenhuma, naquele curso não estou lembrada *mesmo*. Até as pessoas lembram de mim arbitrando, até *encontrei* várias pessoas agora, uns tempos para cá, continuo me encontrando que falam: “Bah tu foi uma das primeiras a apitar”. Então, quer dizer, isso foi bem significativo, porque se fosse, se... Eu não lembro realmente de ter outras colegas, gostaria muito que tivesse um quadro meio a meio, mas não foi o caso.

J.K. - E quando tu começou, as duplas de arbitragem eram fixas?

M.B. - Não, isso era sorteio.

J.K. - Aí tu apitava com todo mundo?

M.B. - Isso, e de bermudinha, a mesma coisa, o uniforme. E pra tu ver, com esse frio, nós íamos as vezes para Caxias, Ijuí, Santa Maria, e tinha que ser de bermudinha. Era muito rígido, eles não mudavam lá. Se modernizavam algumas coisas, mas foi bem interessante essa época.

J.K. - E tu atuou por quanto tempo na arbitragem?

M.B. - Dois anos, não chegou completos, foram dois anos seguidos. Eu não cheguei a concluir o segundo ano, porque não dava, tinha outras coisas particulares para resolver.

J.K. - E porque tu decidiu entrar na arbitragem?

M.B. - Acho que é algo nato, algumas pessoas têm um *feeling*, alguma coisa assim, e eu procurei ser sempre imparcial. Ainda hoje eu vejo um jogo de futebol com imparcialidade que Deus me deu [riso], eu vejo como *um árbitro*! Que às vezes eu já sei, às vezes as gurias me dizem: “Meu Deus!” A gente pega a mania de olhar com outros olhos, não como fanático do torcedor, não! Bem pelo contrário, tem que levar cartão e o cara já está levando. Então isso é legal, porque tu pega, tu vê as coisas de outra forma, e isso me

ensinou também na vida a arbitragem, e tu tem que ter firmeza. Se “pipocar” já sabe, não adianta, qualquer arbitragem, e isso é um desafio. Acho que o que mais me levou a fazer isso, foi o desafio!

J.K. - E quando tu iniciou na arbitragem tu sentiu alguma dificuldade?

M.B. - Só suando frio [riso]. Não, não, tanto que lá na faculdade mesmo eu já atuava. Eu ganhei várias horas, que tinha que fazer horas de estágio, então, nos torneios em Novo Hamburgo, tinha muitas competições escolares e qualquer coisa me chamavam. Aí eu... Então eu tive um *know-how* de arbitrar com um nível técnico muito bom lá, então, a princípio eu não tive dificuldade.

J.K. - E quais foram as competições que tu chegou a apitar?

M.B. - Várias! Apitei nos Interclubes, Jogos Escolares, Intermunicipais, jogos adultos, infantil, o Champagnat²⁹ teve uma competição eu lembro, o São João³⁰ também tinha várias competições, eu atuei em todas essas competições.

J.K. - E nessa época, tu saberia me dizer quantos árbitros tinha no quadro geral da Federação?

M.B. - É difícil! Porque cada vez que a gente ia apitar fazia rodízio. Nós fazíamos... Sempre ia três, um mesa e dois árbitros. Mas às vezes iam seis árbitros, se era o dia inteiro para fazer o revezamento. Mas tinha um quadro bem cheio de árbitros, mas não sei te dizer o número, número não, é meu fraco [risos].

J.K. - E em relação a Seleção Brasileira de Handebol, não sei se tu acompanha os jogos...

²⁹ Colégio Marista Champagnat.

³⁰ Colégio La Salle São João.

M.B. - Acompanho pela TV! Tem as próprias amigas, aquelas lá: “Está passando em tal lugar...” Nas Olimpíadas³¹ a gente ficou torcendo, é bem legal e a gente continua gostando.

J.K. - Que bom! E como tu vê a participação do Brasil em grandes competições, tanto das equipes dos homens, como das mulheres?

M.B. - Eu estou muito feliz, porque o handebol fora do Brasil deu um *boom*, principalmente, nos últimos cinco anos. Eu não sei o que foi, se foi projeto ou o que foi, mas tanto o feminino como o masculino são uma beleza de se ver e de torcer! Tanto que tem atletas nossas que treinam fora, tanto meninos quanto meninas que treinam fora do país, e eu estou muito feliz de saber que o handebol agora, já tem até patrocínio do Banco do Brasil [riso], vários patrocinadores, que antes não investiriam em esporte coletivo. E o handebol atingiu um patamar de medalha olímpica, se não foi medalha olímpica, foi prata, bronze, teve ouro. Enfim, eu não imaginava que o Brasil explodisse assim, nesse nível, sempre acreditei que era um esporte fantástico, mas não nesse nível de pódio.

J.K. - E tu já chegou a perceber como é a presença de mulheres na arbitragem de grandes competições?

M.B. - Ainda eu acho pouco, mas na Alemanha a gente vê mais árbitras femininas. Na Europa, geralmente na Europa, eu não vejo muito arbitragem feminina aqui na América, mas na Europa, e principalmente na Alemanha eu vejo mais mulheres atuando na arbitragem.

J.K. - Nesse período que tu se tornou árbitra, como tu mencionou, tu percebeu que tu era a única mulher que estava participando do curso. Porque tu acha que não haviam outras mulheres participando do curso?

³¹ Jogos Olímpicos.

M.B. - Acho que faltou na época divulgação, porque eu tinha colegas da faculdade que tranquilamente iriam fazer, ou até mesmo aqueles ex-atletas, a UFRGS³², o IPA³³, nós tínhamos uma relação... Eu joguei pelo IPA por um tempo. A gente tinha um inter-relacionamento, e eu sei que teria *muitas* pessoas que... Depois que eu saí, eu não acompanhei mais a Federação, então, eu estou falando só desse período do qual estive como atleta e como árbitra nesse período, mas hoje eu não sei te dizer como está a Federação, eu só sei que depois o Guilherme Queiroga também participou ele foi presidente da Federação, e por também ter paixão pelo esporte, ele deve ter dado uma alavancada na Federação.

J.K. - E esse curso de arbitragem nessa época, ele acontecia anualmente?

M.B. - Não sei te dizer, eu me peguei assim, passou a oportunidade e eu me agarrei. E eu não sei te dizer depois.

J.K. - E como tu ficou sabendo dele?

MB. – Em função de eu arbitrar lá em Novo Hamburgo, e um colega, não sei se foi o Müller ou alguém que me falou, que o Pacheco ia ministrar o curso e se eu não queria me atualizar, dar uma alavancada para fazer parte do quadro. E foi aquela coisa, uma indicação e foi ótimo!

L.M. - Bem no início quando tu começou a falar, tu falou que o grupo era predominantemente masculino. E tu era a única mulher?

M.B. - Naquele período.

L.M. - Houve algum preconceito, alguma discriminação por tu ser a única mulher dentro desse grupo?

³² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³³ Instituto Porto Alegre.

M.B. - Não! Bem pelo contrário, tu saber que foi uma... Não sei se por eu ser atleta, e todos que estavam na a Federação me conheciam, e eu sempre me fiz... Como se diz, eu sempre fui capitã das equipes, então eu tinha uma personalidade muito correta e firme, e não deixava para depois. Eu acho assim, e eu já tinha um grupo de amizade com as pessoas, que eu citei, de respeito e de amizade, e eu não percebi. Pode ser que até houve, mas nunca percebi e foi satisfatório! Até se eu pudesse continuar, eu teria continuado, só parei por problemas particulares. Mas muito boa pergunta a tua!

J.K. - Bom Mara, o que eu tinha para te perguntar era isso, teria mais alguma coisa que tu gostaria de compartilhar?

M.B. - Eu até teria um material mais rico, como eu te falei anteriormente, mas devido as mudanças de residência eu não sei onde foram parar os meus arquivos. Porque eu tenho fotos, tenho arquivos, e posso te enviar a posteriori.

J.K. - Claro, seria ótimo!

J.K. - Obrigada, te agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FIM DA ENTREVISTA]